

---

## Para uma sociologia do hipermedia / hipertexto

*Pedro Andrade*<sup>1</sup>

### Introdução.

Esta comunicação pretende apresentar a reflexão preliminar desenvolvida no seio de um projecto em realização no CECL-FCSH da Universidade Nova de Lisboa e apoiado pela FCT. Nele, pretende-se chamar a atenção para uma importante região sócio-simbólica de prática, de aprendizagem e de fruição da cultura e do conhecimento, algo secundarizada: os conteúdos de saber veiculados através do hipermedia e do hipertexto. Entre outras interrogações, procura-se colocar duas questões articuladas entre si, subjacentes à contemporaneidade, e que têm vindo a ser pressentidas no âmbito da Sociologia da Cultura e da Comunicação.

Por um lado, de que maneira emergem e se transformam os locais e práticas globalizados de construção e de recepção do saber e da informação hipermediática e hipertextual e, em particular, os eventos culturais ocorridos no ciberespaço? Os ciber-acontecimentos envolvem a produção e o consumo, crítico e/ou sensorial, de valores, ideias e percepções transmitidos no contexto social das indústrias culturais e da informação. Para além disso, os lugares virtuais e as suas actividades encontram-se frequentemente relacionados com práticas e discursos das instituições e organizações ‘físicas’ da mesma área, embora por vezes em colisão com as últimas. De uma maneira ou de outra, algumas destas encruzilhadas da sociabilidade planetária – por ex. certas páginas de informação alojadas na Internet, nomeadamente os recentes *blogs* - constituem-se hoje como novos centros de acção política e social, ou de cultura e de formação informais.

Por outro lado, e de um modo mais profundo, como pensar os paradigmas e as diferenças de escrita e de leitura das *web pages* forjadas com métodos e instrumentos hipermediáticos e hipertextuais (*mixed media*, etc.)? Trata-se de modos recentes e inéditos de comunicação e de organização da cultura e dos saberes científicos e artísticos, profissionais e quotidianos. Uma das características mais notáveis e singulares do hipermedia e do hipertexto é esta: funcionam simultaneamente enquanto meio e fim, isto é, seja como media e método de disseminação do saber, seja como uma área específica de conteúdos substantivos.

Assim sendo, torna-se cada vez mais imprescindível reflectir, de maneira simultaneamente crítica e imaginativa, sobre esses territórios mundializados de participação social, e divulgar publicamente as suas potencialidades culturais e educacionais específicas. Em particular, o ciberespaço e o cibertempo veiculam capacidades nunca dantes vistas no que respeita, pelos menos, a dois aspectos sociológicos centrais: a hibridação das culturas nas nossas sociedades multiculturais, e a aprendizagem informal de velhos e de novos conteúdos.

### 1. Problemática: Questões, hipóteses e bibliografia específica

Nesta perspectiva, diversas questões centrais um pouco mais específicas emergem, delineando um conjunto de problemas, tanto teóricos quanto práticos, em torno dos eixos centrais da pesquisa, ilustrados no modelo conceptual e analítico representado na Figura 1.

A primeira questão indaga as características sócio-demográficas do **público** que constitui os utilizadores de conteúdos hipertextuais na Internet, em particular na sua relação com o trabalho, a família e a escola. Por exemplo, o percurso do infonauta muda irreversivelmente o curso da sua vida diária no local de trabalho, onde o computador instaura uma nova intriga narrativa: “ A modelização da ficção interactiva já está a ser utilizada no mundo do trabalho diário numa escala maciça. (...) Em

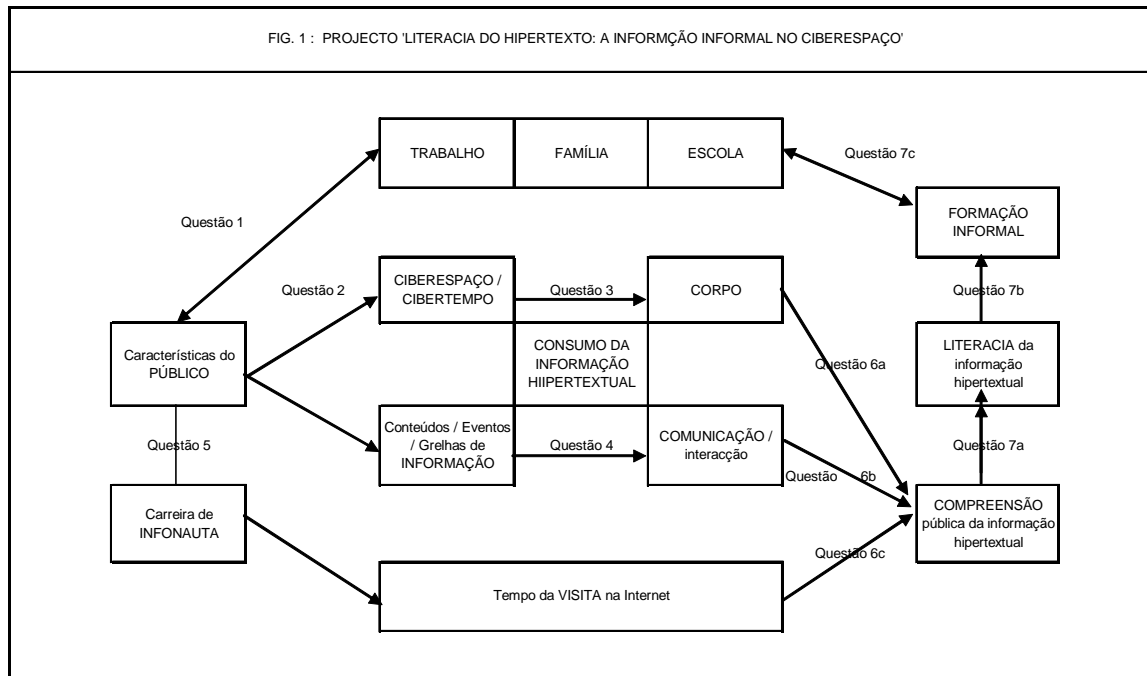
---

<sup>1</sup> Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

todos estes ambientes interactivos a imaginação sociológico-literária, o impulso ficcional, entra decisivamente. O computador pessoal já provou ser um dispositivo de dramaticidade intrínseca.”<sup>2</sup>

A questão 2 interroga de que forma estas características dos infonautas influem na respectiva percepção do **espaço contextual do ciberespaço e do cibertempo**.<sup>3</sup>

Em seguida, a terceira pergunta teórica busca esclarecer como é que o **corpo**, em termos de conforto físico e psicológico, é condicionado pelo espaço contextual do ciberespaço e do cibertempo.



A este propósito, note-se que “ O texto anuncia a sua diferença em relação ao corpo humano através desta ilegibilidade, lembrando-nos que o computador é, também ele, um escritor, e um escritor cujas operações não podemos entender completamente em toda a sua complexidade semiótica. A ilegibilidade não é simplesmente uma omissão de significado, mas um significante de processos cognitivos distribuídos que constroem a leitura enquanto produção activa de um circuito digital e não meramente uma actividade interna do pensamento humano.”<sup>4</sup>

Questão 4: em termos mais pragmáticos, que maneiras de melhorar a **comunicação** no seio do ciberespaço e do cibertempo são possíveis e desejáveis, em especial no que respeita aos **regimes de informação**, as **grilhas de saber** e os **eventos de conhecimento** facultadas pelos produtores de conteúdos na Internet?

No quadro do saber literário, José Augusto Mourão sublinha o seguinte: “A passagem é, de facto, do paradigma da fixidez ao paradigma do efémero. Os antigos conceitos de propriedade,

<sup>2</sup> Richard Lanham, 1993, *The Electronic Word: Democracy, Technology and the Arts*, Chicago / London, The University of Chicago Press, p. 6.

Cf. ainda: George H. Stevens, Emily F. Stevens, 1995, *Designing Electronic Performance Support Tools: Improving Workplace Performance With Hypertext, Hypermedia and Multimedia*, Educational Technology Publications.

<sup>3</sup> Para a discussão mais profunda desta questão, deverão consultar-se, entre outros autores:

C. McKnight (Author), A. Dillon (Author), J. Richardson (Author), 1991, *Hypertext in Context*, Cambridge University Press.

Ilana Snyder, 1997, *Hypertext: The Electronic Labyrinth*, New York University Press.

<sup>4</sup> N. Katherine Hayles, 2002, *Writing Machines*, Cambridge / London, The MIT Press, p. 50-51.

Veja-se igualmente: Jean-Francois Rouet (Editor), Jarmo J. Levonen (Editor), Andrew Dillon (Editor), R.J. Spiro (Editor), 1996, *Hypertext and Cognition*, Lawrence Erlbaum Associates.

McKnight, J. Richardson (Editor), Andrew Dillon (Contributor) 1993, *Hypertext: A Psychological Perspective*, Ellis Horwood Ltd.

expressão, identidade, movimento e contexto, uma vez baseados na manifestação física, não se aplicam ao mundo onde não pode haver ninguém.”<sup>5</sup>

O quinto desassossego procura desvendar a relação existente entre as características sócio-demográficas do público e a sua **carreira de visitante** da Internet.

A carreira do visitante desvela-se na articulação entre as estruturas incorporadas neste agente social e a prática de uma **ética da visita** à Internet: “Para Sócrates, havia um ‘bom’ e um mau leitor’ só alguns teriam acesso à interpretação ‘correcta’. (...) na tradição judaica, pelo contrário, as leituras talmúdicas, retomadas incessantemente, estavam aberta a todas as hermenêuticas.”<sup>6</sup>

Por seu turno, as Questões 6a, 6b e 6c debatem os efeitos das dinâmicas desenvolvidas no **consumo lúdico do hipertexto / hipermedia** (6a: ‘espaço -> corpo’ ; 6b: informação - > comunicação’ ; 6c: ‘carreira do visitante - > tempo de visita’), relativamente ao fenómeno de **compreensão pública dos saberes hipertextualizados?**<sup>7</sup>

Finalmente, as interrogações 7a, 7b e 7c discutem de que modo a compreensão pública do hipertexto / hipermedia e dos seus modos de conhecimento, no contexto do seu consumo lúdico, contribui para a eficácia da formação hipertextual informal (Q. 7a) ? Nesta perspectiva, que transformações daí decorrem, nos processos sócio-simbólicos de **e-literacia ou ‘alfabetização’ hipertextual** (Q. 7b) e, de uma feição mais geral (Q. 7c), na relação entre a **formação textual formal** (nomeadamente na escola) e a **formação hipertextual informal** (principalmente no ciberespaço)?

“Perante um universo de escolha de meios de transmissão da mensagem mais alargado, mais democrático, cabe então aos autores decidir por onde enveredar, sabendo, porém, que a adesão aos novos *media* implica, por um lado, prescindir de certos direitos ou, pelo menos, de um estatuto conquistado (já que a realização do texto é partilhada com uma máquina ou com os leitores), e, por outro, a consciência de que a nova interacção com a máquina conduz à necessidade de aprender outras formas de produção estética, uma nova literacia para a qual os modelos convencionais de alfabetização e formação cultural não bastam.”<sup>8</sup>

Para responder a estas questões, diversas hipóteses encontram-se a ser formuladas. As **conjecturas teóricas** utilizam conceitos de diversos autores paradigmáticos da área em estudo,

---

<sup>5</sup>José Augusto Mourão, 2001, *Ficção Interactiva: para uma poética do hipertexto*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, p. 25.

Para um aprofundamento destas matérias, consulte-se: Susan H. Gray, 1993, *Hypertext and the Technology of Conversation: Orderly Situational Choice*, Greenwood Publishing Group.

Roy Rada, 1995, *Developing Educational Hypermedia: Coordination and Reuse*, Ablex Publishing.

Jeffrey D. Wilhelm, Paul Friedemann, Julie Erickson, 1998, *Hyperlearning: Where Projects, Inquiry, and Technology Meet*, Stenhouse Publications.

Alan Purves, 1998, *The Web of Text and the Web of God: An Essay on the Third Information Transformation*, Guilford Press.

<sup>6</sup>Henrique Garcia Pereira, 2002, *Apologia do hipertexto na deriva do texto*, Difel, p. 16.

Outras obras que fornecem contribuições preciosas são estas: Marianne G. Handler (Author), Ann S. Dana (Author), 1998, *Hypermedia As a Student Tool: A Guide for Teachers*, Libraries Unlimited.

Edward Barrett (Editor) 1991, *The Society of Text: Hypertext, Hypermedia, and the Social Construction of Information*, MIT Press.

<sup>7</sup>A bibliografia sobre a compreensão como processo sócio-cognitivo é vasta. Entre outros, os seguintes autores facultam algumas orientações pertinentes: Vigotsky, L., 1962/1978, *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*, Cole, M. Et al (eds.), Cambridge (Mass.), Harvard University Press.

Piet A. M. Kommers (Editor), David H. Jonassen (Editor), J. Terry Mayes (Editor), 1992, *North Atlantic Treaty Organization Scientific Affairs Division, Cognitive Tools for Learning*, Springer Verlag.

Piet A. M. Kommers (Editor), Scott Grabinger (Editor), Joanna C. Dunlap (Editor), R. Scott Grabinger (Editor), 1996, *Hypermedia Learning Environments: Instructional Design and Integration*, Lawrence Erlbaum Associates.

<sup>8</sup>Noélia da Mata Fernandes, 2003, *A autoria e o hipertexto*, Minerva, p. 183.

Carl Franklin, Susan K. Kinnell, 1991, *Hypertext/Hypermedia in Schools: A Resource Book*, ABC-CLIO.

Hirzy, E. (ed.) 1996, *True Needs True Partners: Museums and Schools Transforming Education*, Washington, DC, Institute of Museum Services.

Johndan Johnson-Eilola, 1997, *Nostalgic Angels: Rearticulating Hypertext Writing*, Ablex Publishing.

Ilana Snyder (Editor), Michael Joyce (Editor) 1998, *Page to Screen: Taking Literacy into the Electronic Era*, Routledge.

enquanto que as **hipóteses de trabalho** especificam aquelas suposições mais gerais, por forma a que os conceitos que lhes subjazem possam ser confrontados com o terreno empírico.

## 2. Conceitos em contexto.

As páginas seguintes sumarizam parte da discussão teórica que aprofunda a problemática proposta acima. Esta reflexão procura contribuir para a reconceptualização dos conceitos revisitados supra, como ‘hipertexto’, ‘hipermedia’, ‘mixed media’, ‘literacia’ e ‘e-literacia’, ‘formação hipertextual informal’, ‘saberes híbridos’, ‘eventos digitais hipertextuais’, ‘ciberespaço’ e ‘cibertempo’.

Em primeiro lugar, no contexto actual de emergência acelerada de inúmeros saberes híbridos e do multiculturalismo, o hipertexto, o hipermedia e o *mixed media* surgem enquanto alguns dos suportes centrais no que respeita a estruturação da informação, nomeadamente quanto às práticas de escrita e de leitura dos diversos modos de conhecimento, que se passam cada vez mais no ciberespaço. Com efeito, esses instrumentos digitais não se limitam apenas à literatura e às artes, mas servem de sustentáculo incontornável à informação científico-técnica e aos demais campos do saber. Daí que qualquer reflexão sobre as transformações culturais e educativas actuais deva considerar, se bem que criticamente, estes modos de representação e de apresentação seja do conhecimento seja das respectivas fontes de informação e formação informal.<sup>9</sup>

Em segundo lugar, a literacia designa, no seu sentido original, o processo de alfabetização no seio de uma língua. Hoje, assiste-se à ampliação do campo semântico deste conceito a inúmeros campos do saber. É assim que a bibliografia mais recente recenseia fenómenos como a literacia científico-tecnológica, a literacia cultural, a literacia quotidiana, etc. Nesta perspectiva, o ‘analfabetismo digital’ reside na desqualificação crónica relativamente à leitura e à escrita da informação veiculados no ciberespaço. Ainda mais especificamente, a iliteracia hipertextual conota a incapacidade, total ou parcial, de entender e registar a linguagem do hipertexto / hipermedia.

Em complemento ou em oposição a estes conceitos, a ciberliteracia do hipertexto / hipermedia entende-se enquanto conjunto de competências e de performances exercidas seja no quadro da produção, emissão ou escrita de objectos e eventos hipertextuais, seja no âmbito do consumo, recepção ou leitura do hipertexto / hipermedia, no contexto sócio-simbólico e institucional do ciberespaço. Hoje, no quadro das sociedades da informação, a construção e a fruição de textos e de imagens registam novos conteúdos e inéditos ritmos, formas, estruturas, texturas, signos, símbolos e cultos hipermediáticos. Para entender esta nova complexidade no quadro da escrita e da leitura do conhecimento e da informação, a aquisição de e-literacia hipertextual revela-se incontornável, na sua adopção ou na sua crítica. Concretamente, torna-se urgente recensar os conteúdos hipertextuais substantivos, isto é, aquilo que se fala e escreve sobre o hipertexto / hipermedia, bem como inventariar, em termos formais, os regimes e modos hipertextuais de apresentação pública do saber.

Após um tal diagnóstico reflexivo acerca destes recursos emergentes do conhecimento e de fruição, resta tornar o saber hipertextual acessível aos estudantes, aos professores e ao cidadão em geral, com método mas também com celeridade e pragmatismo.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> “O hipertexto reivindica a palavra como imagem textual e reclama o seu lugar no sensorium pleno. Consiste na vingança da palavra sobre a televisão. Oferecendo simultaneamente um modo para a narrativa intersticial e um medium de imaginação intersticial, o hipertexto escreve na fenda entre as linhas e os sentidos ...” (Michael Joyce, 2002 [1996], *Of Two Minds: Hypertext Pedagogy and Poetics*, Ann Arbor, The University of Michigan Press, p. 206.).

Para a definição da ideia de hipertexto no seu contexto social, cf. ainda: George P. Landow, 1997, *Hypertext 2.0: The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology*, Johns Hopkins University Press.

<sup>10</sup>Um autor paradigmático na delimitação da estratégia de escrita hipertextual enquanto processo sócio-simbólico é David Bolter, em particular numa das suas obras pioneiras: Jay David Bolter, 1991, *The Writing Space: The Computer, Hypertext and the History of Writing*, Lawrence Erlbaum Associates.

Em terceiro lugar, a formação informal entende-se como uma área da educação exógena à instituição da escola, em dimensões da vida como o consumo, o lazer e a pesquisa da informação. Com efeito, a aquisição e a reapropriação do saber passam-se hoje, amiúde, em lugares relativamente mais abertos e menos regulados do que a instituição escolar. Por exemplo, em eventos culturais, museus e centros de ciência e de arte, sessões de poesia em casas de cultura e associações, tertúlias em cafés, congressos, bibliotecas, arquivos, centros de informação e documentação e, desde a última década, no ciberespaço. Nestes locais do espaço semipúblico, cada vez mais os saberes são transmitidos de forma reticular e hipertextual, e cada vez menos de feição sequencial e textual.<sup>11</sup> Assim sendo, torna-se necessário fazer o diagnóstico da formação informal hipertextual, de uma maneira mais sistemática.

Em quarto lugar, existem hoje, como se mencionou, novas figuras híbridas de conhecimento, que se encontram frequentemente nas redes hipertextuais da Internet, por exemplo saberes onde a Ciência e a Cultura dialogam estreitamente. Nesses modos crioulos de entendimento, passam-se notáveis convergências de diversos regimes e métodos de escrita e de leitura, que produzem **literacias mestiças** em termos formais, e **literacias multiculturais** quanto ao universo sócio-simbólico e cultural que contextualiza as primeiras. De facto, um evento de Ciência ou cultural no ciberespaço pode conter contribuições de múltiplas comunidades ‘reais’. Quanto à forma da informação sobre esses eventos que, entretanto, se apresentam num ‘estilo’ hipertextual, a **sociologia e a crítica do hipermedia / hipertexto** pode dialogar com a psicologia, a antropologia ou a literatura no que respeita o estilo do texto científico. Tudo isto ocorre num ambiente de rede de conhecimento global, associado às redes sociais, concretas e localizadas, que produzem mensagens e saber comum, *taken for granted*, nos *lebenwelt* da sua vida quotidiana.

Daí que os saberes híbridos se mostrem dificilmente assimiláveis sem esse notável instrumento informacional, mas também pedagógico, que é o hipertexto / hipermedia no seio da Internet, onde o dialogismo dos actores sociais revela-se surpreendente pródigo.<sup>12</sup>

---

Em meados dos anos 90, Nancy Kaplan afirmava: “Fiz um jogo de linguagem para chegar ao título deste ensaio porque pretendo interrogar o futuro da literacia, simultaneamente as suas formações electrónicas (se na verdade estas diferem das pré-electrónicas) e respectivos origens e efeitos sociais. Assim sendo, estou a usar a locução dificilmente pronunciável ‘e-literacies’ de duas maneiras diferentes: primeiro, para significar aqueles processos de leitura e de escrita específicos aos textos electrónicos (por textos, entendo um leque extenso de materiais codificados electronicamente – palavras, sons, imagens, segmentos de vídeo, simulações, etc.) ; segundo, para significar ‘elite-racies’ como nas elites sócio-económicas cujos interesses podem ser servidos pelas literacias electrónicas de uma maneira ou de outra, ou que podem tornar-se elites através da sua habilidade para circunscrever literacias electronicas’.

(Nancy Kaplan, 1995, “Politexts, Hypertexts, and Other Cultural Formations in the Late Age of Print“, *Computer-Mediated Communication Magazine*, II (3) março, p. 3)

Por seu lado, Laura Gurak insurge-se contra a concepção da literacia ou da ciberliteracia como mera capacidade performativa e sugere “uma literacia tecnológica crítica, que inclua a performance mas também se apoie intensamente na habilidade das pessoas em compreender, criticar, e fazer julgamentos acerca das interações com a tecnologia, e sobre os seus efeitos na cultura.”

(Laura Gurak, 2001, *Cyberliteracy: navigating the internet with awareness*, New Haven / London, Yale University Press, p. 13.)

<sup>11</sup> A este propósito, ver Rainer Bromme (Editor), Elmar Stahl (Editor), Stephen P. Robbins, Ranier Bromme, 2002, *Writing Hypertext and Learning*, Pergamon Press.

Cf. ainda, para a reflexão sobre a formação informal veiculada pelos museus, na área científico-tecnológica: Andrade, Pedro et alii, 2000, *Literacia científico-tecnológica e opinião pública: o caso dos museus de Ciência. Relatório do Projecto de investigação POCTI / SOC/35279/2000*, Lisboa, projecto apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Classificação: Excelente.

<sup>12</sup> Len Unsworth sublinha a problematiza a conexão da forma do hipertexto ao seu contexto social multicultural: “Para além do reconhecimento de que todos os textos necessitam de uma leitura multimodal, precisamos compreender como estas diferentes modalidades separadamente e interactivamente constroem diferentes dimensões de significado. (...) Esta tarefa hermenêutica requer o conhecimento do tipo de gramática visual e verbal que relaciona os elementos e as estruturas da linguagem e da imagem ao significado e, em última análise, à natureza do contexto onde evoluem os textos visuais e verbais. “

Em quinto lugar, os ciber-acontecimentos envolvem o consumo, crítico e/ou sensorial, de valores, ideias e percepções produzidos e consumidos no contexto das indústrias culturais e da informação.<sup>13</sup> Estes eventos comunicativos, em especial aqueles de natureza hipertextual, encerram uma componente pedagógica profunda, no âmbito da sociedade da informação e do conhecimento, onde a formação se exerce, em grande parte, por meios audiovisuais e digitais, onde, conforme se referiu, o hipertexto, o hipermedia e o mixed media surgem como soluções formais ousadas mas também problemáticas.<sup>14</sup>

Em sexto lugar, actualmente, já não é possível entender o ciberespaço sem a consideração do ciber tempo. O ciber tempo é o conjunto de tempos e ritmos accionados pelo infonauta nas ciberviagens empreendidas pelas diversas localidades da rede global. Em particular, a reflexão sobre a história, a economia, a antropologia, a dimensão ecológica e a gestão do ciberespaço, estabelece actualmente contactos e contractos nunca dantes vistos com a reflexão sociológica e pedagógica. O ciberespaço e o ciber tempo subjacentes à Internet ou a outras redes electrónicas (Intranets, etc.), têm desenvolvido, nos últimos anos, potencialidades educativas algo inesperadas ou impensáveis há poucos anos. A aprendizagem do hipertexto / hipermedia, em articulação com os incontáveis saberes aos quais subjaz, é hoje já amplamente reconhecida, embora ainda algo desconhecida.<sup>15</sup>

Para além disso, a questão dos ‘blogs’ encontra-se a ser reflectida, na medida em que se trata de um dos fenómenos que mais poderão desmistificar e democratizar o ciberespaço. Com efeito, a esfera pública virtual só se poderá entender enquanto nova arena de debate realmente emancipatório, e não o refúgio de fundamentalismos culturais menos ou mais visíveis, quando o cidadão comum se reapropriar desse espaço de debate, não apenas tecnicamente, mas também com sentido crítico e imaginação social e sociológica.

---

(Unsworth, Len, 2001, *Teaching Multiliteracies across the curriculum: changing contexts of text and image in classroom practice*, Buckingham, Open University Press, p. 10.).

O carácter híbrido do hipertexto, do *hipermedia* e do *mixed media* é visível neste excerto de Mark Bernstein, em si próprio construído com textos e imagens: “Pontuando a experiência do leitor: No seio da segurança fornecida por pontos de ancoragem e repetições, tanto o hipertexto quanto o jardim tiram vantagens da pontuação – como os elementos excepcionais injectados que encorajam o leitor a fazer uma pausa, a reflectir, a olhar de novo. As extravagâncias – inesperados pagodes e pavilhões nos jardins ingleses – promovem a arte orgânica do jardim para um relevo mais agudo através dos diversos contrastes assim construídos. “

(Mark Bernstein, 1998, [http://www.Eastgate.com/garden/Statutory and Follies.html](http://www.Eastgate.com/garden/Statutory_and_Follies.html))

<sup>13</sup> Quanto à articulação das comunidades científicas com a comunicação pública da ciência, os acontecimentos científicos os debates e a opinião pública respectiva, consultar: Andrade, Pedro, 1996, [capítulo de livro] “A opinião pública local da comunidades científicas face às novas tecnologias do conhecimento global”, In Eduarda Gonçalves (ed.), *Ciência e Democracia*, Lisboa, Editora Bertrand, pp. 331-359.

<sup>14</sup> Para a discussão dos embates e debates sobre os mass media que o hipertexto provocou, consulte-se: Jay David Bolter, 2001, *Writing Space: Computers, Hypertext, and the Remediation of Print*, Lawrence Erlbaum Associates.

<sup>15</sup> Propusemos em 1996 a construção de uma Sociologia da Internet a partir não apenas do conceito *ciberespaço*, mas igualmente considerando a noção *ciber tempo* :

Andrade, Pedro, 1996, “Sociologia (Interdimensional) da Internet”, In *Actas do 3º Congresso Português de Sociologia*, 7-9 Fev. [Editado em CD-ROM].

Idem, 1997, “Navegações no ciber tempo: viagens virtuais e virtualidades da ciberviagem”, *Atalaia* (3), pp. 111-124.